



O Gaíto



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI — N.º 395 — Preço 1800
2 DE MAIO DE 1959

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaíto — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração: Casa do Gaíto — Paço de Sousa

Facetas de uma Vida

Padre Silvestre Gouveia, já nestas colunas foi citado entre os companheiros de Seminário mais íntimos de Pai Américo. Batemos-lhe à porta. À guisa de escusa escreveu-nos esta carta, que é, afinal, um belo depoimento sobre o Américo seminarista e o Padre nas primícias do seu sacerdócio. Escutemos hoje e, se Deus quiser, no próximo número Padre Silvestre:

«Meu Rev. Padre
Recebi o seu cartão e dir-lhe-ei que fui de facto um dos mais ligados ao Pai Américo, mas a minha intimidade com ele foi principalmente depois da ordenação.

Durante o tempo de seminarista vivemos em Prefeituras diferentes. Era quase só o contacto do corredor das aulas ou dalgum recreio em comum e das colónias de férias dos seminaristas. Mas, apesar disso, devido àquele poderoso dom de simpatia, que todos lhe conhecemos, a influência de Américo fez-se logo sentir em mim, como em tantos outros, que testemunhem o mesmo. Era para nós um polo de atracção. Modificou costumes. Reformou hábitos. Tinha sobre mim e outros uma autoridade que ele não impunha mas nós aceitávamos. O seu exemplo era lição.

Especialmente aquela sua jovialidade, bom humor e... piedade — amor dos pobres, da eucaristia e da oração silenciosa, foram algo de novo.

Creio que já foi apontada a sua inclinação para os pobres que «acampavam» no terreiro do Seminário ou que vinham à Sopa.

Assim também a sua fé eucarística: era costume à porta das capelas, o sacristão de semana perguntar, a cada um, que vinha

sem sobrepeliz se comungava. O Américo não podia tolerar tal. Todo o Seminarista comunga, dizia ele e acrescentava: nem se compreende que haja seminaristas que não comunguem.

Fui um dos poucos que assisti à sua primeira Missa na Capela das Irmãs Coadjutoras do Seminário e tive-o como Sub-Diácono na minha Missa Nova, na Igreja do Seminário.

Depois da ordenação o Padre Américo ficou no Seminário, como Prefeito, e eu também, na Secretaria do Bispado.

Veio a célebre dor de cabeça, que se prolongou indefinidamente até lhe conseguir a liberdade para seguir a sua vocação.

Entre nós vieram as longas conversas, as confidências mútuas, uma amizade que nunca mais cessou e ainda hoje perdura.

Era companheiro dessas horas, que para Pai Américo foram de penosa provação, o falecido Padre António Cruz Gomes e davalhe também o conforto da sua amizade e presença quase diária o Senhor Dom Manuel Trindade Salgueiro, ao tempo Professor da Sagrada Escritura».

B · E · L · É · M

* * * * *

Uma casa de Família para as sem família

* * * * *

ELAS que chegam, as nossas «belenitas»! Uma de Lisboa, quatro do Porto, uma do Ribatejo e outra de Castro Daire. As quatro «fundadoras» vieram, uma de Braga, duas de Coimbra e outra de Lisboa. Em breve virão juntar-se a estas onze mais algumas de outras terras. Fica assim Portugal inteiro representado na pequena casa de Belém! Esta uma das características da Obra que lhe ganhará a simpatia de todos os portugueses bem formados. Ganhará ou já ganhou? Devo dizer que as do Porto foram encomendadas! Eu me explico. Lisboa e Porto têm sido as cidades que maior apoio moral e material têm dado a Belém. Ora de Lisboa já eu aqui tinha uma representante, mas do Porto não. Pedi então ao Senhor Padre Carlos

que me descobrisse por lá ao menos uma, porque, se até agora esta cidade tem sido tão generosa com Belém, como será quando souber que aqui se encontram filhas suas! Resposta do Senhor Padre Carlos: «Descanse que eu lhe mandarei pelo menos duas «tripeirinhas» e, em vez de duas, aí estão quatro! Ó gente do Porto, se até agora tanta generosidade e desinteresse no dar, que será daqui por diante?

As pequenas de Lisboa e Porto, trouxe-as o Senhor Padre Carlos, que também se fez acompanhar dos donativos colocados nas Casas e Lares do Gaíto, com destino a Belém: a máquina de costura colocada em Fevereiro no Lar do Porto e 12 pratos, assim como a encomenda de louça de mesa, oferecida por uma família de Vila Nova de Gaia, com peças para servir 18 pessoas e ordem para mandar substituir alguma que chegasse partida ou que venha a partir-se, com o uso; e várias outras encomendas com cobertores, lençóis, roupas de criança, etc., etc., mais 1.020 escudos.

Agora, em estilo telegráfico, passamos a acusar os donativos recebidos em Belém:

Do Porto: assinante 16102, 50 escudos; outro tanto de Maria; outra Maria com 500, mais outra com 20 e ainda outra com igual quantia. De Lisboa: 100 para o pão de Fevereiro; outro tanto para melhorar o jantarinho de Domingo de Páscoa e ainda outro tanto para comprar amêndoas; 20 e uma encomenda de roupa; mais encomendas com

roupas de criança; mais 20 de quem esconde a mão; 200 das professoras e alunas da Escola Industrial Josefa de Óbidos; de Helena, prometendo voltar, 500; mais 50 de Maria Amélia; 50 de Luanda e da Régua 20; várias encomendas postais com roupas de cama e de criança; Um José de Viseu enviou 50 para a campanha dos Josés; do Douro, 20; e aí está novamente o mestre de obras de Águeda com 100 para os quatro folares das «belenitas»; Da Aguda, 50 mais 20. De uma mãe alentejana, 50 para as amêndoas. De Moçambique, um cheque de 150; 20 de Constança; 30 de anónimas; de Maria Cecília e seu marido, 50 como contribuição de Abril; 20 pedindo uma Avé-Maria; mais algumas notas e folares entregues em nossa casa. Outros chegados pelo correio. De Beja até veio um lindo bolo, metido dentro da forma! Mas... o resto tem que ficar para a outra vez.

A todos um bem-haja por tanta compreensão e carinho, manifestados em palavras e obras.

Inês — Belém — Viseu

CANTINHO DOS PADRES DA RUA

Sexta-Feira Santa

«Senhor Padre Carlos: Da Casa de Setúbal, dos rapazes, dos nossos amigos e de mim vai o abraço muito apertado na Paixão do Senhor: Eu é na Paixão da nossa vida que me sinto mais amigo dos outros Padres da Rua e que me acho mais no ideal a que Deus me chamou.

Se não fosse a Paixão jamais saberia tomar o gosto a tantas manhãs de ressurreição que O Senhor me tem dado gozar. Se a vida fosse sempre paixão já teria baixado ao sepulcro. Graças a Deus por tudo. Ontem parecia-me Sexta feira Santa e hoje já saboreio o alvorecer da Páscoa.

Não arranjei padre para pregar aos rapazes. Escolhi dezasseis dos mais velhos e fizemos dia e meio de retiro todos juntos e ontem de manhã preguei a todos os que tinham capacidade pra confissão e comunhão. Como nós gostamos de os ver com Deus! E que gozo!

Às nove horas da noite vou

com o Senhor pra Aguas de Moura na lambreta e a meio do caminho ela avariou e ficamos os dois na estrada à espera de boleia. Tive sorte que Ele arranhou-a depressa e lá seguimos ambos pró celeiro onde nos esperava muita gente. Tinha graça. Apetecia-me rir. Exultava com o Senhor ao peito na estrada e de noite escura, à espera dalgum que tivesse pena de nós. Depois tudo se arranhou. Zé da Lenha foi buscar-nos a Aguas de Moura.

Parece-me que a nossa vida, embora a passos de caracol, vai melhorando. Parece-me e tenho dado graças a Deus. A Sua espera pela reunião com muitos mimos para Vos fazer e um abraço também pra Padre Manuel com desejos de Páscoa, Páscoa. Padre Acílio».

Vai ficando longe Sexta-Feira Santa. A Verdade, porém, é sempre oportuna (mesmo contra o parecer morno dos tibios, que prezam demasiado a oportunidade).

Esta carta é erupção de uma

PNEUS

Ele, às vezes, são por aí às pilhas. Mas há um tempo que têm rareado.

Pneus incapazes de rolar são sempre uma riqueza no armazém da nossa sapataria. Mas agora, com a campanha contra o pé descalço que Padre Manuel António desencadeou, eles redobram de valor.

Quem é que os tem por lá a ocupar o espaço e manda recado, que o Carlitos mal-la furgoneta vão por eles?...

Essencialismo

Andam por aí os existencialismos a matar a esperança, a bondade, a beleza...

Vede este grito de sinceridade nascido dos valores essenciais que nos oferece o Realismo da VERDADE e do AMOR:

«Eu sou um rico mas incrivelmente pobre da VERDADE, do AMOR — a única coisa que existe.

Li o vosso último jornal e aqui vão 50\$00 para o que quiserem. Eles são verdadeiros.

Uma oração por mim para que Ele me fortaleça na certeza do caminho a seguir».



30.000 x 20\$00 = 50 CASAS

Não fora o desejo dos leitores de saber notícias dos Pobres que visitamos, quase perdíamos a coragem de falar deles com receio de que, ouvindo sempre as mesmas coisas, venham a perder o interesse. Mas não. Nós queremos a verdade e que seja conhecida para ser amada.

Quando descemos ao Barredo não levamos máquina fotográfica. Se o fizéssemos, com certeza as vistas seriam sempre iguais, para humilhação nossa. Quantas vezes entrei já naquele buraco (ainda não fixei o nome da viela nem o número da porta) e deparei com o mesmo espectáculo? A mãe que não está porque foi aos recados e regressa sem tostão na algibeira; o pai incógnito; os pequenos à espera do caldinho quente; a lareira varrida; a mesa vazia mai-las panelas, à hora do meio-dia; camas a desfazer-se sem roupas, nem enxerga; o senhorio que não perdoa.

O Amor não cansa. Quanto mais, mais. Se amamos os Pobres amemo-los até ao fim. Se queremos participar da sua vida de cada dia, dos seus problemas, ajudemos a resolvê-los.

Foi em Sábado Santo. Manhã de chuva. Dias antes o pai do nosso Marito mandara notícias. Queria ver o filho porque sentia o fim a aproximar-se. Foi comigo mais o Ernesto, agora na tropa. Muitos dos que agora são nossos vieram do Barredo. Entramos. Marito à frente. «Tome lá o foliar». Uma regueifa, amêndoas e uma nota de 50\$. A mãe beijou o filho de contente. O pai voltou a viver por instantes. Fui testemunha.

Sempre debaixo de chuva, Ernesto com pesado embrulho de roupas de cama usadas, fomos direitinhos aos ferros velhos e retorcidos. Quem passar por lá há-de vê-los cobertos com dois lençóis lavados e dois cobertores também lavados para regalo daqueles corpinhos inocentes e para suavizar o martírio de cada noite que chegava.

Um passo em frente e deixamos o resto do embrulho. Quem não sente a alegria de dar? Só quem não experimentou. Aquele «muito obrigado» dos Pobres e «que Deus lhe pague na mesma medida» vale mais que todo o dinheiro que possuíis e que nenhuma falta vos faz.

Fernando Dias era o das amêndoas e rebuçados. Como enxame de abelhas a sugar o néctar das flores assim os pequenitos, à roda dele.

E cá em casa? Rogério e Laranginha não me largam sempre com o refrão na ponta da língua: «Vai buscar rebuçados?» E os das padiolas? O mesmo.

Esta visita ao Barredo foi das mais cheias desde que andamos por lá. Caminhámos muito, subimos muitas escadas, mas no fim mais contentes que cansados.

Ernesto, impressionado e tocado por tudo o que viu e ouviu desabafara, já no fim: «Quem me dera ficar num quartel do Porto. Os momentos livres passá-los-junto dos Pobres do Barredo».

Ele tinha razão. Não são estas visitas mais ou menos rareadas a chave da solução do problema do Barredo. É necessária uma presença mais constante junto de cada caso.

Despejamos tudo o que levávamos, na certeza de que foi uma gotinha caída no seio de um mar sem fundo. Estivemos no quinto andar do n.º 18 da R. dos Mercadores. Pedem mais uma camita para as pequenas que estão a crescer como botões a desabrochar para a vida. Conversamos com a Rosinha, sentada junto da porta, à espera da mão que passa.

Fomos encontrar sem trabalho, há já muito tempo, aquele pai de 5 filhos gordos e bonitos. O caldinho não lhes falta graças aos braços da mãe que vai fazendo alguns recados.

Em frente cobrimos uma enxerga nua e esburacada. Não pudemos valer a uma outra que sofria do mesmo mal. Uma mão carinhosa puxa-nos a ouvir os gemidos de dor da Ti Joaquininha. Está ansiosa que o Pai do Céu diga: «Já basta. Vem receber a recompensa».

Outra mão faz-nos entrar um corredor escuro. A mãe acabara de dar à luz. Era o único ganha pão daquele lar. O pai é desconhecido perante a lei. Agora na cama, quem olha por ela? São as vizinhas.

Casos como estes não são raros no Barredo.

Padre Manuel António

Que lindo é, às vezes, o não saber!

Eu tenho aqui e vou dar à estampa uma carta da assinante que levantou esta campanha. Sei que é de Lisboa, pelo datar. Sei que é de uma assinante, pelo assinar. Deus é quem sabe o resto.

Ora escutem:

«Quando as inspirações vêm de Deus têm sempre que dar bons frutos e, esta das 30.000x20\$=50 casas, foi-me inspirada por Ele.

Ouvi o Snr. Padre Carlos na Igreja dos Jerónimos e, no Gaiato tenho lido todos os frutos que esta campanha tem dado.

Que felicidade eu sinto ao ver a boa vontade de todos! Que descansem aqueles que têm vontade de dar e temem esquecer-se.

Quando sugeri esta campanha não foi para que se fizesse uma vez só, mas dizia então: Podíamos fazer isto duas vezes por ano pelo Natal e pela Páscoa por exemplo, e, todos os anos até não serem precisas mais casas.

Se eu sugeri nesta altura que esta campanha se fizesse duas vezes no ano, antes de saber se daria frutos, agora que estes são tão bons, desejo e peço a Deus que as 30.000x20\$=50 casas jamais deixe de figurar no Gaiato até haver famílias sem lar.

Que felizes se devem sentir todos os que têm contribuído por saber tão bem administrar os bens que Deus lhes deu, e com

eles proporcionar a alegria, o fazer justiça aos menos afortunados.

Vamos pois todos pedir a Deus que esta campanha se não limite só aos assinantes do Gaiato mas a todos os portugueses de boa vontade e até aos ricos pois os mais pobres creio que já todos aderiram a esta campanha se não com dinheiro pelo menos com o coração.

Ao Snr. Padre Carlos peço uma oraçãozinha para que Deus me ilumine. Sinto há algum tempo uma grande inquietação e certamente o vosso jornalinho é o culpado disto. Desejaria contribuir tanto para o bem do próximo, fazer algo de valor em seu benefício, mas que posso eu simples pecadora? Peça a Deus por mim. Uma Assinante».

O Desordeiro! Como Pai Américo gostava de chamar assim ao nosso «Gaiato». «Sinto há algum tempo uma grande inquietação e certamente o vosso jornalinho é o culpado disto».

Pois que veio Cristo trazer ao mundo senão a Paz — termo alcançado no mais aceso da luta que acompanha o homem do berço ao túmulo. Uma Paz viva e vivificadora. Uma Paz feita de movimento, de inquietação, pois! E os inquietos contagiavam, desinquietam! Que somos nós, e que mais queremos ser do que semeadores de inquietação nas almas dormentes da nossa pseudo-cristandade?

O Desordeiro! Que «culpas» benditas fazem a sua folha de serviços!

Deus seja sempre a nossa Benção!

A Campanha continua animadíssima. Eu vejo também que ela não pára mais; e que será no Natal e na Páscoa e sempre desde Janeiro a Dezembro, de um ano a outro ano.

Ela é alimentada por seiva que não seca: «Quando as inspirações vêm de Deus têm sempre que dar bons frutos».

É numerosa a procissão dos que se «desarriscam». Assinantes

que pagam a sua assinatura e já mandam a contar com a campanha. Quantias maiores ou menores que 20\$, remanescente de assinaturas ou outros pagamentos à Tipografia, sobretudo.

Famílias completas. Uma delas de 12 filhos, o último dos quais ainda não viu, mas verá em breve a luz do dia.

Que beleza!

«Mães atribuladas», que desabafam e consolam assim as suas dores. Oficiais do Exército que nos comunicam preocupações de almas a respeito dos seus soldados.

Portugueses distantes que mitigam aqui as suas saudades: «Embora cá tão longe (ou talvez por isso mesmo...) receber «O Gaiato» é como receber notícias da Família, podem crer! Umás e outras são ansiosamente esperadas e religiosamente lidas!» É de Goa.

Muitos que já compareceram e voltam pelo gosto de voltar e pela vontade de substituir os que não querem ou não podem vir, ou nem sabem, sequer, deste caminho.

«Pecadores, que tinham obrigação de o não ser» e que lavam aqui os seus pecados! Todos nós somos destes!

Promessas que deste modo se cumprem.

Doentes que acham no dar um bálsamo como nenhum dos seus males.

Empregados bancários do Porto e outros não sei de quê, da Beira que passam palavra entre si, combinam e aí vêm com reconchuda contribuição, fácil, afinal, porque nada é caro onde todos pagam!

E Párocos que de outras vezes nos vêm bater à porta para que os ajudemos na doce tarefa de curar chagas aos seus Pobres, e agora não querem estar ausentes na sementeira com o seu grãozinho que há-de transformar-se em espiga de muitos deles.

Que linda esta Campanha, porque nela, afinal, o Único que todos conhecemos, é o seu Autor, «Autor de todo o Bem»: Deus Nosso Senhor!

Aqui, Lisboa!

O Domingo em nossa Casa é verdadeiramente o dia do Senhor. É o descanso. É a Santa Missa. O centro verdadeiro da nossa comunidade. É mesmo a única vez durante a semana que nos reunimos todos à beira do Pai Comum, a agradecer, a louvar e a pedir o pão de cada dia. Ali todos rezam e todos cantam pela mesma voz da Santa Igreja de Quem somos um bocadinho. Tão pequenino que há legiões lá fora; mas tão poderoso que faz Deus presente no meio de nós.

Ora nem todas as semanas acontece que estamos juntos. São os vendedores. Eles que a essa hora andam por Lisboa «na doce tarefa» de apregoar o seu Jornal. Ninguém o faz com mais amor. Não que seja um ganha pão. Os que o fazem por isso apregoam seja o pró ou o contra, o bom ou mau, o decente e o indecente. Os nossos não. O «Gaiato» é doutra marca. Até hoje não vergou a nada de mau ou mesquinho. Nunca ensinou nem quis ensinar outra coisa senão o amor do Próximo e por ele o amor de Deus. É esse o fundamento que lhe deu Pai Américo e até agora não mudou. Que ele, por mais que se grite, nunca será o bastante contra a injustiça, a opressão, a pobreza imerecida e a miséria desvergonhada. Nunca este Jornal

conseguirá, por mais alto que levante a Cruz como sinal de Redenção, abafar os gritos de desespero, os gemidos de fome, a revolta da injustiça.

Por isso Senhor Prior, se tem esfomeados, se há desespero e revoltados na sua Paróquia, deixe os meus Rapazes apregoar o «Gaiato». Nem que seja mesmo à porta e façam barulho! Olhe que as vozes das crianças chegam ao Céu. Muito mais quando andam conscienciosamente empenhados em vender o seu Jornal. Seja amigo deles! Olhe que são portadores da paz e do bem para os seus paroquianos. Quando estiver no Altar virado para eles como Mestre do Amor a Deus, não vire as costas ao Próximo. Recomende o Amor como o Gaiato recomenda. Que todos o leiam.

Já tem acontecido dar-se ordem ao polícia que está à porta para que afaste o pequeno vendedor do Gaiato como perturbador. E não é a primeira vez que os meus filhos têm ido parar à esquadra por vender o seu Jornal! «O Gaiato» é um Jornal portador de Paz e do bem para todos; e os que o vendem não são perturbadores para irem parar à esquadra. É pecado desfazer em lágrimas o coração alegre destas crianças.

Padre Zé Maria



A Gondomar também chegaram as estrelas do Património. Se todos os portugueses quise-rem, as noites tornar-se-ão mais belas!

Férias forçadas em Ordins

Do alto das colunas do mais famoso jornal, gritei por duas vezes: férias forçadas em Ordins! Mas a minha voz enrouquecida foi ouvida por bem pouca gente. Apenas 7 assinantes, responderam presente. Vai em primeiro lugar uma Senhora estrangeira, portuguesa de coração, que várias vezes tem aparecido nestas colunas, e sempre generosamente:

«Pronto! cá estou — e muitos como eu, oxalá! Aqui vão 1.000\$; faça favor de me mandar um bonito chale branco — o meu primeiro neto vem a caminho —, de guardar 100\$ para a obra, e o resto em chales grandes e escuros, para servirem de cobertores. As minhas orações também estão consigo, para que possa levar por diante esta regeneração da mulher». Ainda há bem pouco se deitou a mão a uma pobre que regressou a Ordins com dois filhos nos braços, quebrando fortes amarras que a prendiam a um amor adulterino. Oxalá perseverar! Mais dois ilegítimos!

Das terras lamecenses, alguém que vive para os outros não pode ler o *Famoso*, de olhos enxutos: «Da última vez que li o *Gaiato* e vi nele a falta de trabalho aí, chorei com V. Não pude corresponder logo à aflição que o facto traduzia, mas fiquei a sofrer com isso. Hoje, dia dos meus anos, chegou a segunda notícia e então, sem mais demora de segundos, aí vão 100\$ para um pequeno chale que V. dará a uma pobrezinha de qualquer lado. Se assim entender, ao Júlio Mendes para as pobres das suas conferências. Ou então aplicará os 100\$ num dos mil projectos que o coração de V. vai traçando. Perdoe ser pouco, mas não posso ir mais longe. Deixa-me esse pequeno sacrifício a consolação de não ser um dia inútil para o Céu». Quem assim escreve e dá do que não tem em abundância muito entesourará no Céu.

Souto da Carpalhosa chega com os seus benefícios a Ordins. «A nossa conferência deseja continuar a auxiliar as vossas tecedeiras e para isso pede a fineza de lhe enviar mais três chales dos grandes». Notem o verbo *continuar*. Quantas vezes Souto da Carpalhosa tem aparecido por aqui! Espero *continue*.

O Alentejo tão rico e cheio de problemas religiosos e sociais aqui segue. É alguém com responsabilidades, por isso mesmo que disfruta uma posição desafiada na vida. A carta que tenho diante de mim mostra uma alma em luta, que só encontrará a alegria, desprendendo-se: «Junto envio 70\$ para um chalinho dos mais pequenos que será destinado a uma pequenita de Belém. Li o apelo no *Gaiato* e aí mando uma ajuda. Não calcula quanto esta oferta, apesar de insignificante, representa de sacrifício em desprendimento! Não me faz falta o que mando. Este sacrifício dá-me alegria, pois com esta dádiva faço duas caridades não é?!» Se quer alegria, dê e dê-se. O supérfluo pertence aos Pobres. Não lho dando, como poderemos conhecer a paz e a alegria, frutos colhidos, por

quem cumpre a lei do Amor e da Justiça?

Acorrendo ainda à chamada, vai o Porto, dando heróicamente do que lhe faz falta. Trata-se de alguém que ferida no *Famoso* de 2-6-1956, só agora pode cumprir. E não esquece uma telha para a «Casa das Tecedeiras», nos selos do costume.

Concordando plenamente que Ordins não poderá, como até aqui, continuar só com chales e *écharpes*, se quiser continuar a progredir, pedi no último grito «férias forçadas» aos 50.000 leitores sugestões, para obviar aos males desta terra. A assinante 1553, de Viseu, enviou 80 «para a compra dos primeiros utensílios» e 20 para a assinatura do jornal. Tudo somado, chegaram 100 a Ordins, com a assinatura paga. Vamos começar com camisolas de malha. Já estão algumas tecedeiras a aprender.

E termino com o Porto. É alguém que dá sangue das veias. Prestemos-lhe atenção:

«Doem-me os vossos justos queixumes e sinto não poder valer-lhe! Deus na Sua infinita Sabedoria não me julgou digna de ter para dar. E quem sabe? Talvez se tivesse muito, não sentisse vontade de dar! Como não posso dispor da importância necessária para a compra de um chale, nem mesmo dos mais pequenos, tinha resolvido ir comprando, um a um, novelos de lã, para eu mesma fazer um chale ou qualquer outro agasalho que necessito. Depois de tomar esta resolução, li o *Gaiato* e fiquei indecisa. Que faço? Compro o novelo ou mando o dinheiro para Ordins? Mando o dinheiro e Deus me dará para a lã! V. pede aos leitores uma sugestão. Não está ao meu alcance qualquer ideia para que encomendas sujam, mas ocorre-me uma sugestão. Eila: que todas as leitoras do

Famoso (digo leitoras, mas se os leitores se quiserem associar tanto melhor!) mesmo aquelas que não necessitam, não querem ou não sabem trabalhar em lãs, façam de conta que compram todos os meses um novelo de 10\$. Revertam esses 10\$ em selos de correio e enviem-nos dentro duma carta para Ordins. Dez escudos é pouco para quem tudo necessita, mas eu sei, infelizmente, por experiência própria, que em muitas casas, nem sempre haverá

essa importância. Mas sei também que noutras, graças a Deus, há para dar por duas ou três que não possam. Um novelo de lã ou uma *matinée* de cinema por mês, a favor das senhoras tecedeiras de Ordins, não é muito. Por mim junto a cota de 2 meses, pois não sei se Deus me dará no próximo mês possibilidades de o fazer. Que a Graça do Senhor ilumine as leitoras e que a próxima semana seja de uma chuva de novelos em Ordins.

Dou graças a Deus, pelos actos de heroísmo dos Pobres em favor dos irmãos pobres.

Padre Aires



Trabalhe a Comissão com fé e caridade bem cristãs. E trabalhe com vontade decidida de acertar.

O Senhor Ministro da Presidência terminou assim a sua comunicação na primeira reunião da Comissão de Recuperação social. Estas suas palavras são um tratado de Sociologia cristã, cheias de teologia.

É mais uma tentativa para reprimir a grande chaga social que é a mendicidade. Mas esta repressão exige um antecedente: é necessário socorrer a pobreza no seu próprio meio.

A mendicidade que vai gerar o vício ou um estado de vida, geralmente começa pela necessidade. É a luta do homem pela própria vida. Sem este auxílio à pobreza, sobretudo à pobreza envergonhada, não podemos pensar na luta contra a mendicidade.

Esta campanha tem de ser de todos, diz o Sr. Dr. Teotónio Pereira. «Desde a Igreja e as suas obras de Caridade, passando pelos serviços encarregados de lutar contra os males sociais, a acção da educação e o combate ao desemprego, a beneficência privada, autoridades administrativas e outras, até às corporações que velam pela segurança pública, a todos recorremos e pedimos a conjugação de esforços».

Não basta a alma de fogo e sempre jovem do Sr. Ministro da Saúde e Assistência. Em primeiro lugar não-de colaborar em íntima união com ele, todos os organismos oficiais de assistência. Não-de primeiro que tudo servir e não servir-se. Servir o Pobre e não servir-se do Pobre. Para este bem servir não pode faltar a fé e a caridade cristãs. A organização da assistência ao Pobre tem que ser, pelo menos, adstrita a cada freguesia. Não podemos centralizá-la já aos meios grandes. Assim seria o princípio do amontoar.

Quantas vezes Pai Américo gritou bem alto a todo o Povo Português: *que cada freguesia cuide do seu Pobre*. Só assim podemos fazer guerra à mendicidade.

Nós não podemos negar que há muita gente com fome e com frio, e nua e chagada e no desespero. Não podemos negar. É uma verdade.

Agora o que também podemos afirmar é que se se unirem os

Portugueses de boa vontade este mal será muito atenuado.

Esta a primeira faceta da questão: a parte positiva.

Passemos à segunda: a negativa; recusar o auxílio à mendicidade das ruas.

Há muitas pessoas bem intencionadas e com boa formação que não se atrevem a negar a esmola na rua a pobres que não conhecem.

Parece-me que é um mau princípio de caridade.

Há outros que medem a sua caridade pelos tostões que dão em público. Podem não dar nada em casa a uma família vizinha em aflições, pagar um mísero ordenado à criada, dar uma ridícula de salários aos serventes, contratar mensalidades injustas com os empregados e não são capazes de deixar de dar o tostão na rua. Doi-lhes o coração, dizem. Eu digo que lhes doi a consciência.

Conheci uma pessoa rica que no mercado dava um tostão ao primeiro pobre que aparecesse. Depois passava todo o dia a dizer aos pobres que vinham, que já tinha dado muito e não dava mais nada.

Há quem se escandalize por ver certas pessoas negar a esmola na rua. Nós procuramos não dar a pobres desconhecidos. Estamos escaldados. As nossas casas são centros de viandantes e pedintes. Todos para lá empurram. É um que vai a caminho; é outro com grandes infelicidades; são mil e uma maneiras de acaçar, sem esforço.

Sabemos por experiência o que é o vício da mendicidade nos nossos pequenitos. Nos primeiros dias que chegam vão pela povoação pedir o tostãozinho e o pedacito da boroa. O lugar preferido são as vendas que nos rodeiam. Já ouvi algumas vezes dizer a rapazes nossos, falhos de vontade, que o seu futuro é pau e manta. Esta é a mentalidade dos que se habituam a pedir.

Agora que a Comissão de Recuperação Social se propõe trabalhar pela solução deste problema nacional, demos todos as mãos e vamos com fé e caridade bem cristãs trabalhar com vontade decidida de formar uma sociedade onde haja mais justiça fraternal.

Padre Horácio

Casas para Trabalhadores

Esta modalidade de trabalho é tão antiga como o próprio homem. Existiu em todos os tempos. Sempre alguns homens trabalhadores se ajudaram uns aos outros ou na obra de cada qual, ou numa obra comum. Sempre houve troca de trabalhos nos nossos povos entre diversas famílias. Nestes últimos duzentos ou trezentos anos o individualismo acentuou-se mais um pouco. Cada um procurava governar-se como que num mundo à parte. Era o seu mundo. Tal modo de agir era contra a Lei Natural e por isso mesmo contra Deus e contra o Homem. A auto-construção quer remar contra este individualismo, remando a favor do trabalho em grupo, em benefício de todos. Nunca foi mais verdadeira a expressão: *Um por todos e todos por um*.

Merecerá ser ajudado quem assim trabalha? Cremos que sim. São jovens trabalhadores, sendo a maior parte solteiros e os restantes recentemente casados. Nenhum possui casa. Por si mesmos também a não construiriam pelo que podemos adivinhar. Ganham pouco. A maior parte deles desse pouco que recebe, deve ainda ajudar os pais. No país — e no estrangeiro acontece o mesmo — há milhares e milhares de jovens nestas condições. É preciso organizar. Repetimos: É preciso organizar. Depois ajudar, estimular. Todos os rapazes pobres que queiram ir para esta modalidade de trabalho deverão ser estimulados e ajudados. Com um pequenino auxílio aparecerão obras de alto valor económico e humano.

Como era de esperar uma vez que já existem casas feitas por esta modalidade começam a chegar as cartas e perguntas, a querer saber e a oferecerem dinheiro. Uma delas: «Se o Património dos Pobres merece atenção e auxílio, quanto a mim, merece-o mais ainda a auto-construção a que V. Rev.^a se dedica. Para uma telha das casas dos seus rapazes aí vão 20\$00. Quando puder voltarei a aparecer. Que Deus ajude V. Rev.^a na linda Obra a que se entrega».

De Viseu mandam-nos mil telhas para a primeira casa da segunda equipe. De Luanda entregam-nos 500\$00; da mesma cidade 50\$00 e do Porto 30\$00. Há muito tempo tivemos a certeza de que estes rapazes trabalhadores e sacrificados para construir as suas casinhas haviam de ser ajudados pelos particulares e pelas autoridades. Chegaria a sua hora? (Toda a correspondência para: Auto-Construção — Aguiar da Beira — Beira Alta).

Padre Fonseca

Visado pela
Comissão de Censura

Pão dos Pobres

A notícia vai, mesmo, da Encadernação quase paralizada, onde Eurico, novo chefe dela com 17 anos, está no meio de *Brasileiro e Tutoria* às voltas com a máquina de petróleo estúpida. É porque *Bojarda* e Francisco estão na guilhotina senão teríamos mais dois «mecânicos»... «A buxa é que está fuleira», diz *Tutoria*. «Fuleira» cá na linguagem da nossa aldeia (que linda a nossa aldeia nestes dias de Primavera que Deus dá!) quer dizer estragada.

Entretanto, volta daqui, volta dali e... «está quase... está uma categoria!», e lá vai mais grude para derreter — e temos mais livros dentro de instantes.

Manuel Pinto diz que, até agora, seguiram 1.600. Não é muito. Porém, com a *prata* que se trabalha e o serviço que temos tido há que dar graças a Deus.

Os senhores não desesperem que, agora, a coisa vai. Eurico é cheio de brio e, encorajado pelo Cândido, não descansa um momento.

J. M.

